



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
CURSO DE LETRAS LÍNGUA PORTUGUESA E SUAS LITERATURAS

EVA BATISTA LOPES SOARES

**ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS PARA FORMAÇÃO DE
LEITORES: A PERCEÇÃO DE DOCENTES SOBRE A AULA DE
LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO FUNDAMENTAL**

CAETITÉ - BA
2021

EVA BATISTA LOPES SOARES

**ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS PARA FORMAÇÃO DE
LEITORES: A PERCEPÇÃO DE DOCENTES SOBRE A AULA DE
LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado de Letras da Universidade do Estado da Bahia, Campus VI, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura Plena em Letras: Língua Portuguesa e Literaturas.
Orientadora: Profa. Ma. Rayana Thyara de Lima R. Ladeia

**CAETITÉ - BA
2021**

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
CURSO DE LETRAS LÍNGUA PORTUGUESA E SUAS LITERATURAS

FOLHA DE APROVAÇÃO

EVA BATISTA LOPES SOARES

**ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS PARA FORMAÇÃO DE
LEITORES: A PERCEPÇÃO DE DOCENTES SOBRE A AULA DE
LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado de Letras da Universidade do Estado da Bahia, Campus VI, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura Plena em Letras: Língua Portuguesa e Literaturas.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Ma. Rayana Thyara de Lima Rêgo Ladeia – Orientadora

Prof. Dr. Ginaldo Cardoso de Araújo – Convidado

Prof. Dr^a Aparecida de Fátima Brasileiro – Convidada

Dedico este trabalho:
A Deus o meu Senhor.
À minha mãe (*in memoriam*).
A meu pai.
À minha prima.
Ao meu esposo e meus filhos.
Aos meus irmãos.

Aos meus amigos e a todos que contribuíram direta e indiretamente para a realização deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

O desenvolvimento deste trabalho de conclusão de curso contou com a ajuda de diversas pessoas, dentre as quais agradeço:

Primeiramente a Deus, que me ajudou em todos os momentos, dando-me condições para fazer deste sonho uma realidade.

Aos meus pais, que sempre lutaram por minha educação.

À minha prima Nice, que cuidou de mim na ausência de minha mãe e me matriculou na escola. Eterna gratidão.

Ao meu esposo, por acreditar que seria possível a realização deste sonho: a graduação.

Aos meus filhos, que foram compreensíveis nos momentos ausentes.

À minha orientadora Rayana Ladeia, pelo suporte em todo momento solicitado, pelas suas correções e incentivos.

Aos professores que reservaram um tempo para responderem o questionário, muito obrigada.

E a todos àqueles, que com palavras, gestos e orações, contribuíram para que eu estivesse aqui.

“A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre texto e contexto”.

(Paulo Freire)

RESUMO

A leitura é um processo ativo que se realiza nos mais diferentes momentos do dia a dia independentemente do nível de escolaridade ou condição social. Portanto, ler representa, além de uma capacidade nata do ser humano, uma necessidade básica, já que para existir é preciso relacionar-se atribuindo sentido ao que leu. Sendo assim, este trabalho objetiva analisar as estratégias metodológicas para formação de leitores a partir da percepção de docentes sobre a aula de língua portuguesa no ensino fundamental II. Para tanto, foi realizada uma pesquisa de campo com abordagem qualitativa e os sujeitos da pesquisa foram três professoras que atuam no sexto ano em uma escola pública, no município de Caetitê-Bahia. O instrumento para coleta de dados foi questionário com cinco questões sobre as estratégias metodológicas para formação leitora na aula de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental II. Os resultados da pesquisa indicam que os docentes traçam caminhos metodológicos, conforme a disponibilidade de materiais como também buscam selecionar textos adequados ao contexto em que os alunos estão inseridos para estimulá-los à leitura. Desse modo, percebemos que há uma preocupação docente no sentido de formar leitores proficientes.

Palavras-chave: Estratégias metodológicas. Formação de leitores. Língua Portuguesa.

ABSTRACT

Reading is an active process that takes place at different times of everyday life, regardless of education level or social status. Therefore, reading represents, in addition to a human being's innate ability, a basic need, since to exist it is necessary to relate, giving meaning to what you read. Thus, this work aims to analyze the methodological strategies for training readers from the perception of teachers about the Portuguese language class in elementary school II. For that, a field research with a qualitative approach was carried out and the research subjects were three teachers who work in the sixth year in a public school, in the city of Caetité-Bahia. The instrument for data collection was a questionnaire with five questions about the methodological strategies for reader formation in the Portuguese Language class in Elementary School II. The research results indicate that teachers trace methodological paths, according to the availability of materials, as well as seeking to select texts suitable for the context in which students are inserted to encourage them to read. In this way, we realize that there is a teaching concern in the sense of training proficient readers.

Key words: Methodological strategies. Formation of readers. Portuguese language.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 O CAMINHO METODOLÓGICO	14
2.1 O BERÇO EDUCACIONAL DE ANÍSIO TEIXEIRA	14
2.2 LOCAL DE TRABALHO E PARTICIPANTES DA PESQUISA	15
2.3 ELABORAÇÃO DO QUESTIONÁRIO.....	16
2.4 ANÁLISE DE DADOS	17
3 A LEITURA E SEU PAPEL TRANSFORMADOR	17
3.1 FORMAÇÃO LEITORA.....	19
4 O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E LEITURA	25
5 UMA DISCUSSÃO DOS DADOS DA PESQUISA.....	31
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS	39
APÊNDICES	41

1 INTRODUÇÃO

A leitura é um processo ativo que se realiza em diferentes momentos do dia a dia, independentemente do nível de escolaridade ou condição social. Portanto, ler representa, além de uma capacidade nata do ser humano, uma necessidade básica, já que para existir é preciso relacionar-se com o que leu, construindo uma perspectiva pessoal e social. Nesta perspectiva, Freire (2011, p.19) afirma que a “leitura do mundo precede a leitura da palavra”, ou seja, antes de ir à escola, o aluno consegue ler o seu mundo conhecível, suas vivências e experiências, e só depois que lhe será possível fazer a leitura da palavra. Por conseguinte, ler é uma prática cultural e social, já que, à medida que o indivíduo tem contato com a leitura, passa a significar e ressignificar tudo que está a sua volta, tornando-o construtor de suas próprias histórias e saberes.

Sendo assim, a leitura tem um grande valor para construção dos sentidos a partir da realidade do indivíduo. Desse modo, Yunes (1995) afirma que o ato de ler exige o exercício da dúvida, para que possamos desconstruir o que vemos e reconstruí-la a partir do que vivemos, conforme a troca de si com o texto. A leitura está intrinsecamente relacionada à aquisição da autonomia, desenvolvimento de habilidades e construção subjetiva do indivíduo, além de promover o enriquecimento na vida interior da criança¹. Ainda de acordo com a escritora, as crianças necessitam de contato direto com livros e histórias a partir de uma biblioteca pessoal que atenda à classificação indicativa do infante. Dessa forma, é importante que o professor também crie estratégias de leitura para instigar o aluno a ler por prazer.

A pesquisa justifica-se, do ponto de vista pessoal, por considerar o professor uma peça fundamental no processo de formação do sujeito leitor, visto que o docente leitor desperta e incentiva o aluno a ter esse hábito também. No processo educativo dos meus filhos, pude notar que as técnicas utilizadas pelos professores para estimular o estudante a ler fizeram com que meus filhos estabelecessem sentido ao que liam e construíssem, posteriormente, perspectivas críticas. Quinzenalmente, a sala de aula era transformada em um ambiente propício para contação de história, assim eles relacionavam o que tinham escutado e recriavam as sequências bem como personagens. Além disso, percebi que essas reconstruções se tornaram instrumentos fundamentais para detectar problemas que se encontram camuflados nas nossas crianças, sendo uma forma de verbalização do infante que sente mais confiança e esperança para resolverem conflitos interiores, ao lerem histórias.

¹ASSOCIAÇÃO PRÓ-REINTEGRAÇÃO SOCIAL DA CRIANÇA. Disponível em:<www.associacaocrianca.org.br>. Acesso em: 24 de março de 2020.

Do ponto de vista social, é de suma importância registrar o resultado desta pesquisa para mostrar o caminho trilhado por alguns professores com o objetivo de contribuir significativamente à formação leitora, já que por meio da leitura é possível desenvolver a criticidade dos indivíduos à medida que os tornam cientes dos discursos ideológicos existentes na sociedade, levando-os a serem sujeitos e agentes de si próprios a partir da consciência histórica.

Sob a ótica acadêmica, a pesquisa epistemológica a respeito das estratégias metodológicas para formação de leitores servirá como modelo para educadores, principalmente de Língua Portuguesa, compreenderem as técnicas, métodos e desafios usados por alguns professores do ensino fundamental no processo de formação do sujeito leitor. Destarte, o estudo será um suporte para o docente e educando que se interessar pelo tema, pois o resultado final consiste em uma síntese das ações dos professores que buscam estimular o sujeito leitor, mostrando os caminhos trilhados para apresentar uma contribuição significativa.

Esta pesquisa objetiva analisar as estratégias metodológicas para formação de leitores a partir da percepção de docentes sobre a aula de língua portuguesa no ensino fundamental II. A fim de obter uma resposta mais eficaz, elencamos como objetivos específicos: identificar o lugar/papel da leitura e do professor na aula de língua portuguesa; descrever as estratégias metodológicas utilizadas para a formação de leitores e compreender o papel do professor bem como os desafios encontrados para formar leitores.

Para atingir os objetivos, foi realizada uma pesquisa de campo com abordagem qualitativa, já que realizamos uma análise crítica do objeto em estudo questionando determinados comportamentos e compreendendo os indivíduos na sua forma de agir.

O presente estudo caracterizou-se por ser uma pesquisa de campo com abordagem qualitativa, visto a necessidade de observar e analisar um contexto socioeducativo através das informações fornecidas num questionário voltado às estratégias metodológicas para a formação de leitores.

Para a escrita deste trabalho, recorreremos aos estudos de Freire (2011) e Lajolo (2000) que contribuíram com uma rica abordagem sobre a importância da leitura de mundo; Silva (1948) e Yunes (1995; 2009; 2011) que colaboraram com seus estudos e pesquisas sobre a relevância da leitura para formação do ser humano; Brasil (1997, 2017), Martins e Vieira (2012), Souza (2009) e Marcuschi (2008) que contribuíram com informações valiosas sobre Língua Portuguesa, ensino fundamental e a prática na sala de aula; Soares (2007), Coelho (2000) e Gotlib (1985) auxiliaram com informações a respeito da formação leitora e, por fim,

os estudos de Neves (1996) com informações significativas a respeito das pesquisas qualitativas.

Para melhor compreendermos a temática abordada, este trabalho de conclusão de curso está organizado em seis capítulos. O primeiro traz o referencial teórico utilizado na pesquisa para fomentar o diálogo com postulações acerca da importância da leitura para o ensino de Língua Portuguesa.

O segundo capítulo descreve o percurso metodológico para a realização da pesquisa, justificando a escolha da pesquisa de campo com cunho qualitativo, além de apresentar características da escola e do município, os participantes da pesquisa e o instrumento de coleta de dados.

O terceiro capítulo enfatiza o papel social da leitura além de dados que mostram o percentual dos leitores e das dificuldades apresentadas por eles bem como a atuação necessária da escola como agente motivador para as práticas leitoras e, conseqüentemente, das práticas de escrita.

O quarto capítulo apresenta postulações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) a respeito do ensino de Língua Portuguesa. Ao afirmar que a escola é um espaço social que reúne agentes da sociedade, observamos a importância desse ambiente para estimular a leitura de forma que ela se relacione à vivência dos discentes.

O quinto capítulo consiste em uma síntese da resolução do questionário pelos professores, a fim de estabelecer uma relação comparativa ao caminho pedagógico e entraves encontrados durante a docência e como lidam com eles. Por fim, apresentamos as considerações finais do trabalho, no intuito de demonstrar a importância dos resultados encontrados, situando-os com os objetivos traçados inicialmente.

2 O CAMINHO METODOLÓGICO

Ao delimitar o objeto de pesquisa, é necessário traçar uma jornada metodológica a fim de responder as perguntas que motivam este estudo. Desse modo, Minayo (1994) aponta a importância de delimitar os caminhos fundamentais para compreender o contexto, a participação dos sujeitos atuantes desse projeto bem como a procedência da coleta de dados que fomentarão discussões para a análise.

Ao optar pela pesquisa qualitativa, compreendemos a necessidade da integração do estudo, de forma a articular o objeto e o pesquisador a fim de visualizar o fenômeno observado sob o olhar de diferentes perspectivas. Segundo Tesch (1990 apud GIL, 2008), a análise é cíclica através de um processo sistemático e compreensivo, mas que permite a atividade reflexiva. Desse modo, as aulas de Língua Portuguesa foram subsídios para avaliação dos dados, visto que estuda a relação entre o papel da leitura e as estratégias metodológicas para a construção da aprendizagem significativa.

Diante das perspectivas que a natureza da pesquisa possibilita, a qualitativa caracteriza-se pelo caráter descritivo e por reduzir o espaço entre pesquisador e pesquisado a fim de compreender o fenômeno estudado, sobretudo pela autonomia quanto à coleta de dados, priorizando o processo do estudo como um todo e não apenas o resultado.

Ao realizar uma pesquisa de campo, Lakatos e Marconi (2003) relatam que essa busca de informações a respeito de um problema, do qual pretende formular ou comprovar hipóteses. Assim sendo, é possível integralizar os resultados alcançados com a pesquisa bibliográfica, para que sejam analisados, promovendo assim o diálogo das informações sobre o objeto através de perspectivas sociais, já que o estudo não é um ato isolado, e sim um caminho para compreender a realidade. Portanto, segundo Gonçalves (2001), é necessário visitar o espaço e/ou o público investigado para reunir dados e posteriormente para documentá-los e interpretá-los.

Segundo Gil (2008), antes de interpretar os materiais coletados, é imprescindível o diálogo entre os fundamentos teóricos e conhecimentos prévios, sendo de fundamental importância a revisão da literatura, a fim de fomentar as discussões do estudo. Nesse sentido, a pesquisa foi realizada em uma escola pública na região rural do município de Caetité que fomentou subsídios para a produção de dados.

2.1 O BERÇO EDUCACIONAL DE ANÍSIO TEIXEIRA

Distante 645 km da capital Salvador, Caetité apresenta uma relação estreita com a educação, visto que foi pioneira na educação regional ao sediar a primeira escola normal do sertão baiano, além de ser o berço do nascimento do escritor e educador, Anísio Teixeira.

Considerado um dos principais idealizadores de mudanças educacionais no século XX, Teixeira defendia ideias que versavam sobre a democratização do ensino público. O escritor viajou diferentes países, a exemplo de Espanha, Bélgica, Itália, França e Estados Unidos para observar os sistemas de ensino. Ao retornar para o Brasil, assumiu a pasta educacional, promovendo a valorização das pesquisas acadêmicas além do movimento Escola Nova.

O município oferta o ensino fundamental I e II, que são geridos pelo Governo Municipal, que contempla a zona urbana e rural, enquanto o médio é administrado pela rede estadual. Além da educação básica, também é ofertado cursos de licenciatura pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), cujo *campus* atende às regiões circunvizinhas, qualificando futuros docentes para atuarem nas áreas de humanas e exatas a partir dos cursos de Letras (Língua Portuguesa e Inglês), Geografia, História, Ciências Biológicas, Matemática e a recente implementada Engenharia de Minas.

2.2 LOCAL DE TRABALHO E PARTICIPANTES DA PESQUISA

O distrito de Pajeú do Vento, situado a 32 km do município de Caetité, tem como principais atividades econômicas o plantio e colheita de maracujina, criação de animais e plantações pequenas, bem a mão de obra gerada por conta empresas de energia eólica que atuam no distrito.

A comunidade também é palco de muitos desafios, dentre eles, as dificuldades sociais na área de saúde, educação, segurança pública, emprego e lazer. Esses problemas perduram ao longo dos anos devido à falta de políticas públicas que assegurem às comunidades rurais condições de se desenvolverem, gerarem rendas e trabalho, como também a permanência e fixação do homem do campo na zona rural.

É nesse contexto de dificuldades e desafios que o “A Escola Municipal Sementes do Saber”² está inserido. Como a escola é um reflexo da sociedade, essa instituição perpassa por toda a agonia que as “faltas” referenciadas trazem como consequência, fazendo de sua

² O nome utilizado é fictício.

existência uma busca constante por melhorias. Muitos são os desafios a serem vencidos pela organização escolar a fim de alcançar as mudanças necessárias para a efetivação de uma escola que atenda de modo satisfatório aos anseios da sociedade local e seus respectivos segmentos, mas esta configura a meta principal das pessoas que atuam no processo educacional do distrito de Pajeú do Vento.

A Escola Municipal Sementes do Saber foi fundada em 1994, mas começou a funcionar em 1996 como escola estadual. Em 1999, a administração do processo educativo foi transferida para os órgãos municipais. No ano de 2019, a Escola Municipal Sementes do Saber completou 20 anos de caminhada defendendo uma educação socializadora junto à secretaria municipal de educação do município de Caetité. Com relação ao funcionamento, na atualidade, a escola atende a um público de pré-adolescentes e adolescentes matriculados no Ensino Fundamental II nos turnos matutino e vespertino e também ao público de jovens, adultos e idosos (EJAI), no turno noturno. Atualmente, a administração da escola é composta por um diretor e dois vice-diretores. O corpo docente é composto de 20 professores concursados, sendo a maioria graduada na área de atuação, e 09 funcionários.

Os participantes desta pesquisa foram 3 professores graduados em Letras que atuam no Ensino Fundamental II. Duas educadoras possuem pós-graduação em Letras Vernáculas, e o docente tem especialização em Literatura Brasileira. Quanto ao tempo de experiência dos professores, a professora J. Prado e o professor J. Neves atuam como docentes há 23 anos e C. Neves possui 26 anos de atuação na docência.

Dessa forma, investigamos os trabalhos desses professores em relação à formação de leitores na disciplina de Língua Portuguesa, enfatizando as estratégias metodológicas adotadas e os desafios para atingir essa premissa. Cabe ressaltar que a pesquisa foi feita dentro do rigor ético, com o consentimento livre e esclarecido dos sujeitos atuantes.

2.3 ELABORAÇÃO DO QUESTIONÁRIO

Inicialmente, este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tinha como objetivo apresentar a contribuição da leitura de contos na aula de Língua de Portuguesa para a formação leitora no ensino fundamental II. Para isso, buscaríamos, por meio de uma oficina, verificar o subsídio dos contos trabalhados em sala de aula nas séries finais do ensino fundamental; descrever os resultados e apresentá-los, apontando os pontos positivos e negativos da inserção desse gênero literário como pressuposto para estimular a prática leitora.

Essa oficina seria realizada em uma turma de sexto ano do ensino fundamental II, na Escola Municipal Zelinda Carvalho Teixeira em Maniaçu, na zona rural de Caetitê-Bahia. Planejada para ocorrer no ambiente físico escolar, a participação dos envolvidos aconteceria de forma presencial, no entanto, por conta da pandemia, o projeto precisou ser reformulado para atender aos protocolos de biossegurança, considerando o contexto epidemiológico da Covid-19.

Diante dessa situação atípica, decidimos mudar o foco pesquisa para estratégias metodológicas para formação leitora na aula de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental II. Para tal, foi elaborado um questionário, com cinco questões que versam sobre essa temática, e encaminhado aos docentes que atuam nessa etapa de ensino.

A pandemia trouxe angústia para todos, principalmente para os professores que ficaram sobrecarregados com o ensino remoto, o que se tornou também um empecilho para encontrar docentes que estivessem disponíveis para responder o questionário. Com base nas informações coletadas por meio do instrumento de coleta, realizamos a análise de dados que constituem um importante material para consolidação das hipóteses levantadas.

2.4 ANÁLISE DE DADOS

Conforme Minayo (1994) postula, os dados da pesquisa não devem ser tratados como o único fim do estudo, já que análise ocorre antes mesmo dessa coleta. Portanto, são caminhos que devem estar em consonância, pois trata-se um processo minudente, que ultrapassa a dicotomia da teoria e prática.

Ao sintetizar os dados coletados na resolução do questionário, categorizando os dados, selecionamos os tópicos que dialogam com a teoria dos estudos estabelecidos sobre a formação leitora e os efeitos dessa para a formação do ser social, relacionando-os à importância e contribuição das estratégias metodológicas nas aulas de Língua Portuguesa para formação do leitor. Por fim, foi realizada a análise qualitativa das respostas, confrontando os dados do objeto pesquisado com o referencial teórico e as opiniões do pesquisador.

3 A LEITURA E SEU PAPEL TRANSFORMADOR

Sabemos que a leitura não se limita a decifrar palavras e signos, já que todo ser humano observa e interpreta os textos verbais bem como os não verbais que estão a sua volta, independentemente de ter frequentado ou não a escola. Assim, Martins resume os conceitos de leitura em duas descrições:

1. Como uma decodificação mecânica de signos linguísticos, por meio de aprendizado estabelecido a partir do condicionamento estímulo resposta (perspectiva behaviorista-skinneriana);
2. Como um processo de compreensão abrangente, cuja dinâmica envolve componentes sensoriais, emocionais, intelectuais, fisiológicos, neurológicos, bem como culturais, econômicos e políticos (perspectiva cognitivo-sociológica) (1994, p. 31).

Podemos perceber nas descrições acima que uma está interligada a outra, pois decodificar sem entender é inútil; e entender sem decodificar é impossível, ou seja, deve-se pensar sobre esse problema dialeticamente. Ainda segundo Martins (1994), se fôssemos responder o que é ou o que significa a leitura, daríamos várias respostas diferentes, isso porque se trata de uma prática individual. Portanto, a leitura deve ocorrer naturalmente e deve estar profundamente ligada à visão de mundo, experiências, desde a mais íntima até as coletivas, incluindo a cultura que remete à formação social do leitor. Sendo assim, fica evidente que o leitor não tem uma mente vazia, uma vez que carrega conhecimentos responsáveis pela construção de sua história, por isso, ao ler, o indivíduo associa o que está lendo com sua experiência de vida. De acordo com Freire, é

neste esforço a que me vou entregando, re-crio, e revivo, no texto que escrevo, a experiência vivida no momento em que ainda não lia a palavra. Me vejo então na casa mediana em que nasci, no Recife, rodeada de árvores, algumas delas como se fossem gente, tal a intimidade entre nós - à sua sombra brincava e em seus galhos mais dóceis à minha altura eu me experimentava em riscos menores que me preparavam para riscos e aventuras maiores (2011, p. 9).

Essa leitura com base nas experiências é fundamental para que o leitor compreenda o mundo e se situe nele de forma que haja uma interação entre o leitor e o texto. Desse modo, a leitura acontece de forma prazerosa sendo capaz de transformar a realidade do ser humano.

Segundo Freire (2011), a leitura do mundo antecede a palavra, desse modo, é possível reviver e recriar a experiências vividas antes do contato com as letras, que dará mais sentido quando associadas ao conhecimento do mundo. Em consonância a esse pensamento, Lajolo (2000) corrobora a concepção do Freire (2001) ao dizer que a leitura cumpre um papel circular e infinito, ou seja, quanto maior a concepção de mundo e vida, mais se lê. Portanto, esse ciclo deve iniciar na escola, no entanto não deve ser restrito a esse ambiente. Nessa relação, as ideias de ambos os autores em relação ao tema se completam, pois concluímos a importância que eles

dão ao conhecimento de mundo que o indivíduo carrega e que associada ao ato de ler se tornam elementos significativos, possibilitando ao leitor um olhar mais crítico, com capacidade de mudar sua realidade.

Nessa perspectiva, Yunes (2009) afirma que a memória e leitura afetam diretamente uma a outra por evocar experiências que estejam relacionadas ao ato de ler, ou seja, as lembranças ressuscitam no indivíduo sonhos e opiniões que antes estavam esquecidos, escondidos por ele próprio, e à medida que pratica a leitura, aciona o exercício de pensar e de se encontrar.

Ainda nesse sentido, Yunes (2011) pontua que a leitura é um ato, visto a capacidade de gerar energia além de implicar na constituição psíquica e afetiva, pois cria condições para que o indivíduo desenvolva a verbalização e estabeleça diálogo com o mundo. Ao ler, é inevitável a submersão de conotações morais, éticas e sociais.

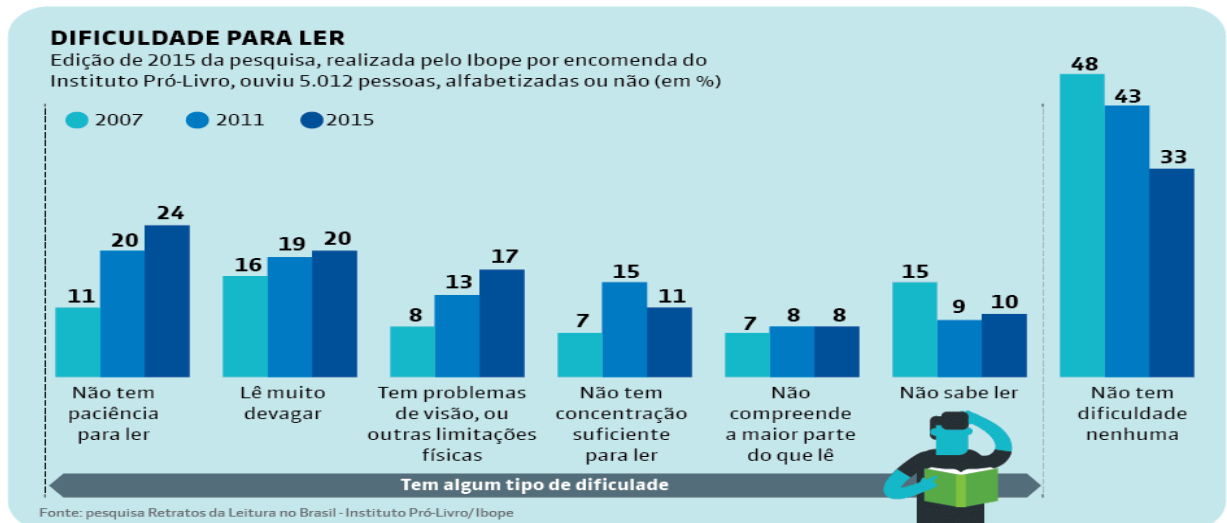
A leitura não pode ser apenas para decifrar código e reconhecer letras e símbolos, ela precisa acontecer de forma que o leitor seja capaz de construir significados dando sentido ao que lê, pois o ato de ler é um estimulante potente que leva o indivíduo a formar sua personalidade, sendo capaz de inserir de forma crítica e consciente na sociedade, mostrando capacidade de interferir significativamente nas regras sociais. E para que essa leitura seja produtiva, é importante que se tenha um mediador que trabalhe com diferentes métodos. Diante disso, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) incentiva o educador a

ler, de forma autônoma, e compreender – selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequada a diferentes objetivos e levando em conta características dos gêneros e suportes –, romances infantojuvenis, contos populares, contos de terror, lendas brasileiras, indígenas e africanas, narrativas de aventuras, narrativas de enigma, mitos, crônicas, autobiografias, histórias em quadrinhos, mangás, poemas de forma livre e fixa (como sonetos e cordéis), vídeo-poemas, poemas visuais, dentre outros, expressando avaliação sobre o texto lido e estabelecendo preferências por gêneros, temas, autores (BRASIL, 2017, p. 169).

Assim, o leitor pode enriquecer seu conhecimento interagindo com o texto de forma interpretativa de acordo com suas experiências, inferindo a capacidade de detectar diferentes ideias do texto, relacionado com sua realidade. Esse processo de leitura transforma os sujeitos, tornando-os conhecedores tanto da sua própria cultura quanto da cultura do outro, sendo capaz de aprender com as semelhanças e respeitar as diferenças dando contribuições para mudar a sociedade.

3.1 FORMAÇÃO LEITORA

Uma pesquisa feita pelo Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (IBOPE), encomendada pelo Instituto Pró-livro em 2015, entrevistou 5.012 pessoas, alfabetizadas ou não, e apresentou informações importantíssimas que sinalizam a influência da escola na criação do hábito de leitura. Segundo o site, o brasileiro lê, em média, 4,96 livros por ano – desses, 0,94 são indicados pela escola e 2,88, lidos por vontade própria. Foram considerados leitores quem leu, inteiro ou em partes, pelo menos um livro nos últimos três meses.³



Percebe-se, nesta pesquisa, que o Brasil está longe de ser um país de leitores, pois os dados apontam a falta de domínio de aptidão de leitura como um dos principais conflitos para formar leitores. “Não ter paciência para ler” e “ler muito devagar” estão entre os principais conflitos apontados, citados por 24% e 20% dos entrevistados, respectivamente.

O relatório aliado às estatísticas do Indicador Analfabetismo Funcional (INAF) aponta um crescimento do déficit leitor, tendo em vista que o percentual daqueles que não apresentavam dificuldade leitora está em queda, já que o número era 48% em 2007 e passou para 33% em 2015. As informações revelam que um em cada quatro brasileiros não está apto a interpretar ou localizar dados em textos simples, caracterizando-os como analfabetos funcionais.

Essa realidade pode ser mudada com a participação da escola nessa luta, pois, dentre muitas alternativas, está a elaboração de projetos de leitura nas instituições de ensino, principalmente nas aulas de Língua Portuguesa, possibilitando ao estudante o desenvolvimento dessas práticas. O livro é uma ferramenta muito importante para propiciar o gosto pelo ato de ler, mas não deve ser o único meio, já que a “leitura de mundo” é algo que o indivíduo adquire nas suas vivências e experiências e que o enriquece muito.

³ Disponível em: <https://www.institutounibanco.org.br/aprendizagem-em-foco/40/> Acesso em: 10 fevereiro 2020.

A pesquisa acima nos leva a questionar o por quê dos alunos não gostarem de ler ou lerem muito pouco. De acordo com Kleiman, (2013), isso acontece pela precariedade formativa de parte dos profissionais da escrita, visto a insuficiência leitora que, por sua vez, implicará negativamente na tentativa de formar leitores aprazíveis. Sendo assim, o docente que não gosta de ler vai considerar a prática leitora, principalmente em sala de aula, como uma atividade penosa e sofrida que serve somente para decifrar palavras, o que distancia da verdadeira leitura baseada no desejo e no prazer.

Kleiman (2001) enfatiza também que a leitura não tem sido uma atividade realizada para contatar outros mundos, mas para a realização de exercícios extensos. Nessa perspectiva, o livro didático tem apenas os aspectos estruturais considerados em relação ao texto. Em síntese, são muitos exemplos existentes nos materiais escolares no qual a linguagem verbal é usada como pretexto para o ensino de regras sintáticas.

Ainda segundo a autora, outras práticas usuais nos exercícios de sala de aula são copiar e editar palavras do texto. Logo, o aluno aprende de forma equivocada que os produtos textuais são apenas depósitos de informações e o papel do leitor limita-se a extrair informações por meio do domínio das palavras. O resultado dessa ação é a formação de um leitor passivo que não consegue construir o sentido do texto acomodando-se a essa situação, ou seja, pode ser facilmente manipulado, levando-o a acreditar em um discurso que ele desconhece.

Partindo do prisma da leitura como decodificação, Kleiman (2013) a atesta como uma prática empobrecedora, por conseguinte, torna-se dispensável por ser meramente conteudista, sem finalidades construtivas do ser sociais, pois não ajuda a mudar a visão de mundo do aluno.

Para Martins e Vieira (2012), a “crise de leitura” no sistema educacional é um entrave ocasionado pela carência na formação docente para trabalhar com a leitura, que parte da prerrogativa que as atividades voltadas a essa área resumem à decifração de enigmas. E nessa busca para tentar cumprir a função básica de alfabetizar, a escola favorece a leitura do texto escrito, desprezando a “leitura de mundo” que o indivíduo faz e traz de casa, priorizando a formação de um leitor apto apenas para decodificar.

De acordo com Martins e Vieira (2012), a leitura possui uma essência individual, portanto, a escola não deve utilizá-la apenas para fins de avaliar pronúncia e decifração, pois essa ação não leva em consideração que cada aluno tem um jeito diferente para ler. Apesar das críticas, Martins e Vieira (2012) também apontam sugestões e possíveis soluções para atenuar essas situações citadas anteriormente, como a importância da leitura crítica, a fim de pluralizar as interpretações para que haja diálogo dos múltiplos significados com o mundo. Dessa forma o aluno passa a ter autonomia, sendo capaz de tomar decisões como sujeitos conscientes de seus

direitos e deveres, ampliando seus conhecimentos. O educador, segundo as autoras, não deve classificar os indivíduos como bons ou maus leitores, mas entender que eles leem de formas diferentes e interpretam com base nas suas vivências e visão de mundo.

Ao observar o cotidiano de muitos professores, podemos perceber que eles enfrentam uma grande batalha para que sua prática em sala de aula seja produtiva, tornando o ensino significativo para os alunos de modo que sejam agentes dos seus próprios discursos. Silva (1998) enfatiza que a leitura é um processo marcado pela participação humana, a fim de compreender os tempos passado e presente, para assim criar hipóteses a respeito das futuras transformações socioculturais. Além de instrumento aquisitivo, também apresenta papel crítico e reflexivo que estende esse papel fora da escola, sendo um importante mecanismo para lidar contra a alienação e promover a liberdade de expressão.

Nesse empenho de formar leitores, é preciso que se crie um vínculo entre ler e questionar, dando ao indivíduo o poder de conscientização e libertação. E para isso, segundo Silva (1998), temos que buscar ou construir métodos de ensino a partir da realidade que se encontra nas escolas de acordo com a necessidade do educando. Destarte, é importante oferecer situações de aprendizagem nas quais o aluno esteja em contato com os mais diferentes gêneros textuais, de modo que seja possível atribuir significado bem como ampliar a percepção de sua função social.

É necessário que as escolas juntamente com os educadores estejam preocupados com as estratégias metodológicas utilizadas para formar leitores, pois elas precisam ser elaboradas de forma que o aluno consiga aprender com clareza o conteúdo e ser capaz de refletir sobre sua competência discursiva, assim haverá um comprometimento do professor com o sucesso na aprendizagem do discente. Em conformidade com a necessidade pedagógica que atenda horizontalmente os agentes do ensino-aprendizagem, a BNCC postula que

a prática de todo professor, mesmo de forma inconsciente, sempre pressupõe uma concepção de ensino e aprendizagem que determina sua compreensão dos papéis de professor e aluno, da metodologia, da função social da escola e dos conteúdos a serem trabalhados. A discussão dessas questões é importante para que se explicitem os pressupostos pedagógicos que subjazem à atividade de ensino, na busca de coerência entre o que se pensa estar fazendo e o que realmente se faz. Tais práticas se constituem a partir das concepções educativas e metodologias de ensino que permearam a formação educacional e o percurso do professor, aí incluídas suas próprias experiências escolares, suas experiências de vida, a ideologia compartilhada com seu grupo social e as tendências pedagógicas que lhe são contemporâneas (BRASIL, 1997, p. 30).

Neste sentido, a ação do professor precisa ser de forma que o estudante se sinta convidado a construir um olhar diferenciado para a leitura e escrita, pois os envolvidos,

incluídos em sociedades, precisam delas, visto que são condição indispensável para sua integração. Kleiman (2013) afirma que a sociabilização primária é resultado dos reflexos do sistema de valores, crenças e atitudes sobre o grupo social do qual participamos e isso impacta na oralidade, leitura e escrita. Desse modo, o ato de ler permite a construção de um contexto de aprendizagem de modo que o aluno entenda a sua importância no âmbito social e cultural.

Sabemos que, para que haja uma prática de ensino significativo, o professor precisa ter uma base para enfrentar os desafios e, por isso, deve buscar várias alternativas para garantir que isso ocorra. Dentre os documentos que preparam o professor para exercer sua função, está o documento do Ministério da Educação/Conselho Nacional de Educação (MEC/CNE) nº 009/2001 que, ao formular as Diretrizes Curriculares Nacionais para formação de professores da educação básica, apresenta alguns procedimentos básicos que servem como guia para o professor enfrentar suas dificuldades.

Bortone e Martins (2008) pontuam a importância de **“assumir a diversidade existente entre os alunos e saber lidar com ela”**, ou seja, o educador deve considerar a heterogeneidade social e cultural dos discentes como aspectos positivos, lidando com as diferenças e ensinar a importância de respeitar as particularidades do outro. **“Incentivar atividade de enriquecimento cultural”**, já que é essencial que o professor parta da premissa de que a multiplicidade sociocultural dos educandos é um fator benéfico, então, o educador deve trabalhar a tolerância para com o aluno. Além disso, é preciso **“Desenvolver práticas investigativas”** na prática docente dos professores, atividades de pesquisa consistentes são essenciais, pois o educando precisa ser instigado a buscar novos conhecimentos e a ter autonomia para produzir novos saberes.

Antunes (2001) também elenca quatro aprendizagens fundamentais para o professor que servirão como guia para enfrentar os desafios imposto pela nova educação. Essas aprendizagens são:

- **“Aprender a conhecer”** - Antunes (2001) postula sobre a necessidade de competências para compreensão, incluindo a lógica de aprender para conhecer e posteriormente ensinar. E essa aprendizagem é totalmente necessária para as conexões entre pessoas, as habilidades profissionais e as razões de uma vida digna, eliminando conhecimentos desnecessários que acumulam os currículos, mostrando que o ensino não está restrito ao número de horas, dia e nem ano para concluir. Portanto, é mais importante o domínio de habilidades para a construção de conhecimentos, treinando os pensamentos, a atenção e a memória, escolhendo informações que sejam possíveis relacionarem com a realidade que se vive e por meio de diferentes linguagens serem expressas.

- **“Aprender a fazer”** - Antunes (2001) enfatiza sobre a necessidade do aprendizado pessoal, de modo que seja possível atingir outros públicos, a exemplo do profissional. Segundo a autora, não se trata do Ensino Técnico, mas sim que a escola entenda a relevância de pôr em prática, a começar da educação infantil, os conhecimentos relevantes ao trabalho futuro, e que aprender a fazer vai além de capacitar alguém para determinada função, pois deve despertar e estimular o indivíduo a ser criativo a ponto de descobrir o valor construtivo do trabalho, recorrendo a importante relação entre o homem e a sociedade como forma de comunicação.

- **“Aprender a ser”** - Antunes (2001) ressalta a teoria de que os seres humanos devem preparar o corpo, espírito, inteligência e sensibilidade. Assim, o homem terá a capacidade de elaborar pensamentos autônomos e críticos, construindo seus próprios conceitos de valores e sendo capaz de decidir, por si mesmo, as ações em diferentes circunstâncias da vida.

O professor mediador deve elaborar estratégias, como selecionar e disponibilizar textos inteligentes e interessantes, criar situações desafiadoras e estimuladoras, ter uma boa relação com os livros para formar bons leitores. Nesse sentido, Krug (2015) pontua que a falta de preparo em um profissional da educação prejudica a condução dos alunos para um caminho leitor, pois exerce a função de criar estratégias capazes de promover diferentes níveis de letramento.

Em consonância com Krug (2015), Martins e Moreira (2015) afirmam que é tarefa fundamental de todos os professores e das escolas cultivar o interesse, o gosto e o hábito da leitura, pois desse modo os alunos se tornarão excelentes leitores. Ainda que seja uma prática difícil, é preciso despertar nos discentes o interesse pela leitura sendo fundamental desenvolver condições necessárias para o crescimento do trabalho e também aprimorar os recursos, materiais e estratégias do trabalho docente. Nesta mesma linha de pensamento, Lajolo (1996 apud KRUG, 2015) escreve que a leitura é um processo político, pois os formadores de leitores exercem um papel público que pode estar ou não engajado em ações sociais, portanto, a consciência ou não da força da reprodução dita a possibilidade de questionamento da realidade em que o leitor está inserido.

Destarte, a autora pontua sobre o papel importante que o professor exerce na sociedade, visto que ele também é responsável pela formação do indivíduo e sua ação interfere de forma significativa para formar leitores. No entanto, o docente sozinho não consegue, pois é preciso o apoio e a participação da sociedade e especialmente da família, já que o primeiro contato social no processo de formação de leitura se inicia por meio de histórias, ilustrações, leitura de mundo e deve ser intensificado continuamente.

4 O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E LEITURA

É desafiador oferecer um ensino de Língua Portuguesa de qualidade, então, a escola deve centrar esforços para incentivar o aluno nessa busca pelo conhecimento através do exercício da criticidade. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN – (1997), desde a década de 80, nota-se a dificuldade quanto à qualidade educacional brasileira. O

fracasso escolar no ensino fundamental apresenta relação direta a defasagem nas atividades de leitura e escrita.

Ao ofertar o ensino de Língua Portuguesa, observa-se altos índices de repetência por falta de domínio da língua oral e escrita da maior parte desses alunos. Esses números assinalam a importância de rever os pressupostos dessa educação, visto que a preocupação do educador seja atribuir significância ao que é feito em sala de aula, pois à medida que o educando faz a leitura, ele interage, constrói e vive efetivamente a interação entre sensações e emoções. Nesse sentido, podemos dizer que o ato de ler vai além de decodificar palavras.

Segundo Martins e Vieira (2012), ao ampliar as noções de leitura estendemos esse processo a níveis pessoais e sociais. Portanto, faz mister mostrar o valor da leitura ao educando e entender que ele não é uma “tábula rasa” e que seu conhecimento de mundo tem grande importância para o ensino significativo.

Para além do previsto, é fundamental que o professor, segundo Silva (1948), crie métodos criativos para que o aluno aprenda de forma prazerosa e construtiva. Esse pensamento comunga da afirmação de Souza (2009) por atestar que a sala de aula consiste em um espaço que contextualiza agentes sociais, promovendo valores e morais. Além de dialogar com Marcuschi (2008), por ressaltar que esse espaço funciona como um laboratório investigativo mediado pelo docente para compreender não apenas o individual, mas também o coletivo.

Na relação horizontal de ensino, professor e aluno aprendem juntos, ou seja, eles se autoconstróem, contribuindo para a quebra de uma hierarquia autoritária. Por conseguinte, Souza (2009) discute que o laço dialógico entre os dois agentes do processo de ensino-aprendizagem deve estabelecer significações e estratégias construtivas ao ampliar o repertório linguístico do discente através de explorações textuais que influenciem a interação social de forma segura e consciente.

A BNCC (2017) estabelece que o ensino de Língua Portuguesa deve ser contextualizado e alinhado ao uso social. As mudanças de época implicam atenção aos textos multimodais e multiculturais, visto o constante entrecruzamento de gerações e sociedades na contemporaneidade.

O documento normativo descreve as práticas reflexivas, a fim de tornar o seu uso mais próximo da realidade e significativo para o cotidiano dos envolvidos. Assim, os campos de atuação atribuem protagonismo aos alunos, sempre levando em consideração o dia a dia do aluno, a vida pública, as práticas de estudo e pesquisa, bem como o momento artístico-literário.

Ao propor atividades práticas de leitura e escrita, é necessário que o docente se familiarize com o assunto e se coloque no lugar do discente, criando estratégias para que aquele

conteúdo seja ministrado e o objetivo seja cumprido. O texto por si só inviabiliza um trabalho crítico-reflexivo, portanto, é imprescindível conhecer o material didático em sua totalidade, para que amplie o repertório cultural do aluno, promovendo a valorização das diferenças.

O campo voltado à análise linguística institui a interpretação textual através da composição semiótica dos textos multimodais, que apresentam intertextualidade e intencionalidades ao empregar determinada imagem, fonte e configuração. Assim que as formas de comunicação se reinventam, observamos que a língua também passa por esse processo e a nossa capacidade de compreensão deve acompanhar essas mudanças.

O documento subsidia importantes elementos à Educação Básica, em suas quatro áreas de conhecimento, a partir de um caráter orientador em relação ao desenvolvimento de conhecimentos, competências e habilidades durante o período escolar.

Norteadas por dez competências gerais (conhecimento; pensamento científico, crítico e criativo; repertório cultural; comunicação; cultura digital; trabalho e projeto de vida; argumentação, autoconhecimento e autocuidado; empatia e cooperação; responsabilidade e cidadania) a BNCC discute a necessidade de desenvolver habilidades que possibilitem atingir nível de domínio.

Dividido em quatro áreas de conhecimento, a Língua Portuguesa se encaixa na parte de Linguagens. Além disso, o componente apresenta os seguintes eixos temáticos: leitura, produção de texto, oralidade e análise linguística bem como campos de atuação: vida cotidiana, artístico-literário, estudo e pesquisa, vida pública, jornalístico-midiático.

A BNCC consiste em uma base, como o próprio nome já adianta. Por ser algo que padronize o ensino, ela instiga o docente a produzir materiais a serem utilizados pelos alunos, com o intuito de (re) significar as temáticas através do desenvolvimento de pressupostos da vida do aluno. Nesse sentido, compreender as propostas do documento possibilita formar o discente intelectualmente e socialmente.

De acordo com a BNCC (2017), o contato dos educandos com gêneros textuais permite maior conhecimento sobre a Língua Portuguesa, tendo em vista que a intertextualidade com diversos campos de atuação e variadas disciplinas revelam práticas de linguagem diferenciadas. O campo artístico-literário, por exemplo, procura promover uma ligação às inúmeras formas de artes, principalmente a literária, e também de oferecer situações para que essas manifestações artísticas sejam reconhecidas e valorizadas. Desse modo, a base parte do pressuposto que a literatura deve possuir uma dimensão humanizadora, sendo imprescindível garantir a formação do leitor-fruidor, aquele que emerge sobre a multiplicidade social do texto.

Antes de desenvolver a capacidade interpretativa, o leitor precisa tornar-se aprazível à leitura, sendo assim, o processo inicia com trabalhos prévios a respeito do material literário que será interpretado, para envolvê-lo em momentos apreciativos e narrativos através de elementos que constituem o livro, a exemplo do espaço, tempo e personagens. À medida que se conhece a obra analisada, mais o indivíduo pode interessar pelo que está sendo explorando e, conseqüentemente, desenvolver habilidades que versam a multiplicidade semântica e intertextual da literatura. Posteriormente, esses se expandirão conforme os níveis de complexidade com o passar dos anos de escolaridade.

A importância do professor, principalmente o de Língua Portuguesa, em trabalhar textos literários consiste em promover práticas leitoras, como possibilidade de transformar o indivíduo passivo em ativo e crítico. Para isso, expõe as várias formas de leituras com os diversos gêneros textuais, proporcionando mais opções para um ensino significativo e que trará contribuições para a educação. Essas estratégias, acrescidas ao conhecimento de mundo que cada aluno tem, enriquece o ensino, colaborando para uma mudança na sociedade.

Nos anos finais do Ensino Fundamental, acontece uma grande mudança com os adolescentes que regularmente ingressam na escola aos 11 anos, pois, quando concluem essa etapa escolar, identificamos uma maior independência para interagir de forma significativa com os textos orais e escritos. Ciente das transformações biológicas e sociais, a BNCC (2017) atesta que a mudanças biológicas e sociais dessa etapa da vida apresentam relação direta do jovem enquanto sujeito com singularidade identitárias e culturais, o que exige da escola práticas que contemplem essas realidades e promova modos para inseri-los em sociedade.

Para ter um resultado positivo em relação à aprendizagem desses jovens, é preciso que as escolas utilizem para este público uma linguagem que seja apropriada, pois, neste período, os jovens já conseguem interagir de diversas formas, usando elementos como: a fala, o silêncio, a pintura, a música, o corpo para se expressar, ou seja, essas ações os tornam capazes de ver o mundo com um novo olhar.

Em relação ao Ensino Fundamental, a BNCC (2017) apresenta um caráter instrucional que se estrutura do mesmo modo nos anos iniciais e finais, no entanto, existem diferenças que devem serem consideradas. Sobre a etapa final do Ensino Fundamental, o adolescente é atuante e autônomo para com relações comunicativas além de interagir com diversos interlocutores, o que possibilita maior contato com inúmeros componentes curriculares e múltiplos conhecimentos.

Nesse sentido, no decorrer dos anos finais, os educandos se encontram com estímulos mais complexos, principalmente devido à carência de se apropriarem das disparidades lógicas

de organização da compreensão em relação às áreas. Por isso, é importante nos muitos componentes curriculares resgatar de forma significativa as aprendizagens do Ensino Fundamental, para que possa fortalecer a autonomia dos estudantes, pois, com as ferramentas adequadas, eles podem acessar e interagir criticamente.

Intrínseca a qualquer área, sobretudo a Língua Portuguesa, a leitura ainda é considerada como decodificação e fugir desse estigma consiste em um desafio, visto que há estratégias pedagógicas que insistem em colocá-la sob esse viés. Traçar caminhos metodológicos a partir dessa assertiva mecaniza o ato de ler, fazendo com que o leitor perca elementos componentes do texto e avaliando apenas as superfícies formadas pelos conteúdos trabalhos rasamente para fins gramaticais sem nenhuma ou pouca contextualização.

Segundo Candido (2004), a complexidade da obra inviabiliza a análise de aspectos que não sejam contextualizados, sendo assim, para entender determinada obra, devemos nos aproximar das diversas formas que regem a produção, a circulação e a apropriação dos textos, considerando o tempo e o lugar.

Ao desconsiderar aspectos cognitivos e sociais, ignoramos a formação de um leitor proficiente. A leitura deve ser uma atividade contínua que rompa fronteiras pessoais à medida em que é exercitada. Portanto, para haver uma ressignificação, é necessária a construção conhecimento a partir de algo visto previamente, o que dialoga com o trabalho em camadas, tornando-se mais complexas conforme os níveis do sujeito.

Para Kleiman (2013), o aluno deve formular hipóteses antes, durante e depois da leitura, pois permite ao leitor escapar do mecanicismo e automatismo e ter uma abordagem cognitiva, que infere práticas linguísticas e intelectivas. Portanto, um texto será compreendido em sua totalidade, caso haja uma afinidade entre quem lê e o material selecionado.

A prática leitora e aprendizagens correlacionadas ao uso da língua são produtos que resultam da interação do indivíduo com o texto. Assim, a atividade é social por promover discussões do leitor com o autor e os escritos desse, considerando diferentes perspectivas sobre o mesmo objeto.

Diante do que é proposto pela BNCC (2017), observamos o caminho oposto em sala de aula, pois a reflexão dos textos presentes no livros didáticos consiste nos elementos gramaticais, o que favorece a associação de poesias ou demais gêneros apenas com essa abordagem, excluindo a carga interpretativa por trás das significações que motivaram o autor a escrever determinada obra.

Em consonância a Antunes (2003), a prática da leitura amplia o repertório sociocultural do leitor, possibilitando a interdisciplinaridade com demais componentes curriculares ao

contextualizar elementos geográficos, históricos, filosóficos, entre outras. Além disso, a escritora aponta a preocupação excessiva com a gramática, enfatizando questões voltadas a nomenclatura e classificação, mas sem estudar as regras do uso da língua.

Ao exercitar a leitura e interpretação de textos, os professores devem associá-las à prática escrita também. Intrinsecamente relacionadas, não são ofertadas atividades interativas que possibilitem esse diálogo sem condicioná-las ao processo de memorização, afugentando o aluno, dificultando para a formação de leitores e conseqüentemente ao prepara-lo para provas que exigem produções discursivas.

O desafio aos professores de Língua Portuguesa e ao próprio sistema de ensino não diz respeito à exclusão da gramática, mas repensá-la para que não seja trabalhada de forma descontextualizada através de frases aleatórias sem nenhum elo representativo com a vida do aluno. Assim estudá-las de forma isolada não trará maior proveito do conteúdo, visto os apontamentos de Antunes (2014), pois a escola deve exigir mais do que situações automatizadas, e sim a participação dos sujeitos para que desenvolva habilidades e competências comunicativas mediante a leitura de textos, de diferentes gêneros e funções disponibilizados numa multiplicidade de suportes que a tecnologia oferta. Portanto, inserir novas estratégias de ministrar a área linguística é uma medida necessária para formar leitores aprazíveis.

Ao preconizar sobre não se limitar aos materiais didáticos, a escola pode encontrar uma nova dificuldade: o baixo percentual de bibliotecas instaladas em espaços de ensino. Conforme a pesquisa Retratos da Leitura do Brasil realizada em 2016, nem todas as instituições escolares têm garantia do acesso aos livros.

Apesar de ser um fomento necessário para formação de leitores, a biblioteca por si só não significa que haja acervo atualizado ou que discentes sejam estimulados para frequentar esse ambiente. Desse modo, é imprescindível políticas públicas que democratizem os livros, pois o acesso representa o primeiro contato com a obra, que deve ser seguida por estratégias metodológicas que promovam ações leitoras.

Além disso, o desenvolvimento e aplicação de projetos focados na leitura podem ser iniciativas que estimulem o gosto pelo ato de ler, sobretudo através de clubes do livro, feiras literárias ou bibliotecas móveis, visando atrair a atenção do público, já que o estímulo deve estender ao espaço pessoal e não limitar à sala de aula.

A BNCC (2017) propõe uma leitura de textos multimodais, que apresentam variadas linguagens, sendo importantes materiais nesse contexto tecnológico, visto a integração de

elementos semânticos, cujos os significados adquirem novas interpretações conforme podemos relacioná-los à conjuntura.

A pandemia da covid-19 evidenciou um cenário marcado pela qualidade digital, que pode ser incluso na sala de aula física, ao disponibilizar representações fílmicas e *e-books* em drives, que devem ser planejados cuidadosamente sob a perspectiva de atrair o público e possibilitar o acesso de materiais paradidáticos, que comungam objetivos dos didáticos, sendo um complemento desse.

O cenário atípico da pandemia expõe uma realidade digital, que faz parte do dia a dia e pode ser utilizada como um mecanismo ou suporte para docência. A constante reinvenção é uma habilidade docente, ou seja, lidar com algo de inúmeras formas para atingir o objetivo da educação: integrar a partir de vivências distintas uma aprendizagem significativa.

5 UMA DISCUSSÃO DOS DADOS DA PESQUISA

Após o processo de coleta de dados, buscamos sintetizar as informações, categorizando-as conforme as temáticas e traçando perfis das estratégias metodológicas escolhidas pelos docentes que responderam o questionário.

Formar leitores não é tarefa fácil, principalmente para os professores que procuram métodos eficazes para que seu aluno vá além de simplesmente decodificar códigos e sinta prazer na leitura. Pensando desse modo, percebemos a importância do educador desenvolver estratégias significativas a fim de estimular a prática leitora.

A escola tem um papel muito importante para estimular a leitura e, inevitavelmente, o docente de língua portuguesa é uma peça fundamental para essa finalidade. Destarte, iniciamos

a nossa pesquisa, questionando aos professores⁴ a sua compreensão sobre a importância da leitura nas aulas voltadas à língua materna:

Por meio da leitura levamos nossos estudantes a enriquecer seu vocabulário, desenvolver a escrita e sua expressividade. Além de, torná-lo confiante, conhecedor do mundo que o rodeia e cheio de novas ideias. Quem lê, viaja! (PROFESSORA, J. PRADO, 6º ANO).

A professora acima comenta a respeito do enriquecimento linguístico e social que aprimora a escrita daqueles que se aventuram pelas viagens proporcionadas pelas páginas dos livros.

É de fundamental importância a leitura, pois é através dela que o aluno se apropria do conteúdo, compreende-o e é capaz de transformar o que ler em aprendizado. (PROFESSORA, C. NEVES, 6º ANO).

Enquanto a professora Neves afirma sobre a facilidade que o aluno terá caso compreenda o assunto, mas desde que a prática leitora seja um hábito.

É fundamental para aquisição de novos conhecimentos, ampliar o seu vocabulário, exercitar a linguagem oral, escrita e não verbal além de melhorar o seu estilo pessoal de escrita e leitura, compressão de mundo, exercitar argumentação e interpretação. (PROFESSOR, J. ALVES, 6º ANO).

E por fim, o professor Alves apresenta a autonomia comunicativa como uma proposta enriquecedora do ato ler para a vida social do discente.

A professora J. Prado destaca a importância da leitura para o desenvolvimento pessoal, social, cognitivo e intelectual do aluno, demonstrando que quando a leitura é prazerosa é possível viajar e conhecer o mundo, atribuindo a ele ideias renovadas. Já a professora C. Neves, pontua que por meio da leitura o indivíduo consegue uma aprendizagem significativa, pois ao se apropriar do conteúdo, ele absorve o que leu e transforma em um novo aprendizado. Nesta mesma perspectiva o professor J. Alves também enumera alguns benefícios da leitura e o poder de transformação para quem gosta de ler.

De acordo com estas respostas, a autora Yunes enfatiza que

Ler é inscrever-se no mundo como signo, entrar na cadeia significativa, elaborar continuamente interpretações que dão sentido ao mundo, registrá-las com palavras, gestos, traços. Ler é significar e, ao mesmo tempo, tornar-se

⁴ Os nomes utilizados para referir-se aos professores são fictícios.

significante. A leitura é uma escrita de si mesmo, na relação interativa que dá sentido ao mundo (2009, p. 35).

Diante dessa citação e das colocações dos professores, podemos perceber que a leitura tem um papel importante para a inserção do indivíduo no mundo, tornando-o um ser ativo, capaz de transformar sua realidade. Por isso, a escola precisa pensar em uma maneira de instigar o aluno a questionar sobre o novo, o desconhecido, e isso só é possível por meio da leitura.

A leitura é a principal ferramenta para a formação do indivíduo, pois amplia seu conhecimento, transforma sua visão e interpretação sobre o mundo de acordo com sua realidade. Nesta perspectiva, Freire nos pontua que

a decifração da palavra fluía naturalmente da “leitura” do mundo particular. Não era algo que se estivesse dando superpostamente a ele. Fui alfabetizado no chão do quintal de minha casa, à sombra das mangueiras, com palavras do meu mundo e não do mundo maior dos meus pais. O chão foi o meu quadro-negro; gravetos, o meu giz (2011, p. 11).

Sendo assim, podemos perceber o quanto a leitura interfere de forma significativa, à formação do indivíduo possibilitando-o analisar a sociedade e sua vida cotidiana, sendo capaz de interpretar de forma crítica sobre o mundo.

A escolha do material de leitura pelos docentes não pode ser aleatória, é preciso pensar no tema, no contexto, na mensagem e principalmente no aluno, pois, como nos pontua os Parâmetros curriculares Nacionais PCN

[...] os conteúdos de língua e linguagem não são selecionados em função da tradição escolar que predetermina o que deve ser abordado em cada série, mas em função das necessidades e possibilidades do aluno, de modo a permitir que ele, em sucessivas aproximações, se aproprie dos instrumentos que possam ampliar sua capacidade de ler, escrever, falar e escutar (1997, p. 36).

A escola deve promover a participação dos sujeitos em atividades de leitura e discussão para que desenvolvam habilidades e competências comunicativas. Nessa perspectiva, Antunes (2003, p. 15) pontua que “a aprendizagem humana somente se processa na medida em que o educando é capaz de construir significados e atribuir sentido ao conteúdo da aprendizagem”, desse modo, o aluno sentirá menos dificuldade para compreender os conteúdos, pois foram pensados de acordo com os conhecimentos prévios, experiências e realidade do aluno. Essa tarefa não é fácil, já que é preciso que a escola e o docente estejam unidos para que a aprendizagem aconteça de fato.

Sabendo do papel primordial do professor na formação do aluno, perguntamos aos docentes quais são os critérios estabelecidos por eles em relação à escolha do material de leitura:

Antes de escolher pelo material, se faz necessário analisar se os temas, assuntos, conceitos e frases são compatíveis com o vocabulário e com a proposta pedagógica, e, ainda, se estão alinhados com cada etapa de aprendizagem. Também, se é do interesse dos estudantes, uma vez que, quanto mais próximo dos seus interesses forem os textos, livros, etc, mais êxito terão (PROFESSORA, J. PRADO, 6º ANO).

Critérios: o interesse do aluno; o material disponível; a proposta de trabalho... (PROFESSORA, C. NEVES 6º ANO).

O material deve ser escolhido de acordo com a faixa etária e interesse do público alvo. Possibilitar também um leque de tipologias textuais e textos não verbais de modo a despertar o interesse e gosto pela leitura (PROFESSOR, J. ALVES, 6ºANO).

A professora J. Prado responde que antes da escolha do material, é preciso uma análise para saber se é compatível com vocabulário e com a proposta pedagógica. Sua resposta deixa clara a relevância de não escolher material que esteja fora da proposta pedagógica, pois é preciso estar de acordo com as diretrizes escolar e não pode ser algo aleatório. Esta resposta corrobora com a ideia de Martins e Souza , já que

na realidade de sala de aula, o professor tem a preocupação de “cumprir” o programa curricular. A própria preparação desse programa na escola muitas vezes lhe é imposta. Esses fatores, entre outros, enrijecem, desde o início, todo o “arquivo” teórico o qual o professor se arma para cumprir o seu ofício e ir a luta (2012, p 97).

A professora C. Neves respondeu de forma bem curta, então, deduzimos que os critérios estabelecidos por ela em relação à escolha do material de leitura aos discentes parte do interesse do aluno, do material disponível e da proposta de trabalho. É importante quando a professora escreve sobre o material disponível, já que muitas escolas públicas não disponibilizam materiais propícios e os decentes encontram dificuldades na seleção de textos.

Na resposta do professor J. Alves é importante enfatizar a sua colocação em relação a textos não verbais, pois sabemos que podemos fazer leitura de tudo e não somente de textos escritos. Levar essa opção para a sala de aula permite que o estudante entenda que existem várias formas de ler.

Já em relação às estratégias metodológicas utilizadas pelos professores que responderam o questionário, observamos medidas ao alcance da realidade da escola e dos próprios alunos, visando o compartilhamento de materiais para atingir os objetivos pedagógicos. Assim, notamos que a professora J. Prado procura incentivá-los com exemplos de vida concretos; provar com atitudes simples e descontraídas o quanto de fato é bom; facilitar o contato dos alunos com material diversificado e do interesse deles. Nesse sentido, Bortone e Martins (2008, p 13) pontuam que “é necessário utilizar diferentes Gêneros presentes em nosso dia a dia”, ou seja, é preciso estimular o educando, para que ele busque novos conhecimentos e adquira autonomia para construí-los. Enquanto a docente C. Neves adota a técnica da “leitura em voz alta coletiva e participativa; leituras de obras literárias; livros paradidáticos, textos de diferentes gêneros textuais”. Por fim, o educador J. Alves alia métodos que dialogam com o contexto virtual ao propor “Leitura partilhada, dramatizações, exibição de filmes, visita a biblioteca, compartilhamento de ebooks, empréstimos de livros, exposição de desenhos, criação de livros, propaganda de livros e criação de poemas”.

A conjuntura globalizada possibilita o compartilhamento instantâneo de materiais que, articulados para atender demandas pedagógicas, tornam-se um subsídio importante a fim de englobar maior número de leitores e conectá-los ao universo literário a partir de *drives* ou *sites* que podem ser clicados por pessoas de todo o mundo. Além disso, as representações fílmicas trazem uma nova versão daquilo que foi lido, instigando discussões a respeito das mudanças feitas para atender dois públicos: o leitor e o cinéfilo.

Tendo em vista a importância do professor de Língua Portuguesa para a formação de leitores, uma pergunta foi destinada para compreender a concepção dos docentes em relação ao questionamento. Para a educadora J. Prado, a influência representa uma força motriz para estimular o aluno a ler com mais frequência, pois

Cabe ao educador o papel de desenvolver no aluno o gosto pela leitura a partir de sua interação diária com materiais diversificados e com os livros que tragam temas e assuntos dos seus interesses ... Enfim, pode se afirmar que a formação de alunos leitores, depende muito do envolvimento do professor com essa prática. “As palavras comovem, mas o exemplo arrasta”. (J. PRADO, 6º ANO).

Nessa perspectiva, a docente C. Neves comunga da ideia da educadora acima, ao atestar que “o professor é figura importante na formação de novos leitores, pois ele para os alunos é o ponto de referência (exemplo) para a consolidação do seu aprendizado juntamente com a família do educando” (C. NEVES, 6º ANO). Sob essa mesma ótica, o docente J. Alves

afirma a importância do educador, sobretudo o da zona rural, ao postular que “o professor tem papel vital na formação de leitores e possibilita a crianças e jovens a descoberta do mundo da leitura em especial, em comunidades rurais, distantes e filhos da classe trabalhadora onde muitas vezes pais e mães não completaram a educação básica”. Nessa mesma linha de pensamento, Martins e Souza (2012, p. 105) enfatiza que o “educador deve assumir a posição de fornecer ao educando o amparo para que este crie sua autonomia, selecionando as alternativas mais eficientes do ponto de vista social e pessoal”. Assim, o professor não tem uma atitude autoritária, pois à medida que ensina também aprende.

Apesar de todos os esforços para formar os leitores, ainda há entraves que emperram esse processo, desmotivando os professores a moverem situações para estimular os alunos. A docente J. Prado testemunha a desconexão dos discentes às séries em que se encontram, evidenciando as dificuldades quanto à falta de materiais:

Alunos em séries (anos) de escolaridade elevado, porém com uma deficiência enorme no que se refere a leitura; estudantes oriundos de famílias que não tem familiaridade alguma com leituras; escolas e educadores de onde vieram esses estudantes que também não se desenvolveram o gosto pela leitura; pouco ou quase nada de recursos que facilitem esse trabalho, etc. (J. PRADO, 6º ANO).

A professora C. Neves elenca fatores que envolvem a formação do novo leitor, dentre eles: “a falta interesse dos alunos; o gosto pela leitura, a falta de livros; a própria condição do aluno na aquisição livros; acervo bibliotecário da escola escasso...”. Assim como o docente J. Alves que elenca entraves relacionados à organização da escola e das aulas:

São inúmeros entraves. A começar pela falta de acervos. Quando me refiro a biblioteca, a da escola que me vínculo, são amontoados de livros com pouca variedade e poucos exemplares. Também é urgente uma política de aulas / espaços de leitura na escola. Muitas vezes a Carga Horária só prioriza o conteúdo das disciplinas e a prática da leitura e outras ficam sem espaço para o seu desenvolvimento.

Ao observar as respostas dos professores, notamos que as atividades dos sujeitos participantes da pesquisa estão diretamente relacionadas às propostas da BNCC, promovendo o desenvolvimento de competências e habilidades atreladas ao contexto em que os alunos estão inseridos, considerando os materiais disponíveis e as dificuldades encontradas, para assim implementar estratégias que sejam eficientes.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O nosso problema de pesquisa foi analisar as estratégias metodológicas para formação de leitores a partir da percepção de docentes sobre a aula de língua portuguesa no ensino fundamental II. Portanto, discutimos as concepções dos Parâmetros Curriculares Nacionais e Base Nacional Comum Curricular e estabelecemos um paralelo ao contexto da sala de aula, assim, sintetizamos as ações dos professores que responderem o questionário, que buscam estimular o sujeito leitor, mostrando os caminhos trilhados para apresentar uma contribuição significativa.

A leitura não se resume à decifração de palavras e signos, ela é uma atividade individual, que deve ocorrer naturalmente e se relacionar ao contexto do sujeito que lê. Desse modo, o ato de ler poderá ser um exercício aprazível e que dialogue com outros indivíduos, tornando-se uma relação coletiva.

O indivíduo já possui traços singulares que, associados ao ato de ler, tornam os elementos significativos, possibilitando ao leitor um olhar mais crítico. Dessa forma, é capaz de inserir de conscientemente na sociedade, interferindo significativamente nas regras sociais.

Para que a leitura seja produtiva, é importante que o docente trabalhe com diferentes métodos. Desse modo, a BNCC, por ser um documento basilar ao professor, auxilia no desenvolvimento de planejamentos e escolha de metodologias que atendam às demandas dos alunos, levando em consideração os materiais disponíveis e as particularidades de cada sujeito envolvido nesse processo.

Os dados indicados nesta pesquisa mostram índices insatisfatórios em relação à capacidade interpretativa dos alunos, visto que um em cada quatro brasileiros não está apto a interpretar ou localizar dados em textos simples, caracterizando-os como analfabetos funcionais. Para mudar essa realidade, é necessária a transformação da função que a leitura desempenha nas aulas de língua portuguesa.

Os textos trabalhados devem buscar o desenvolvimento da capacidade leitora amplia a função social e interpretativa, promovendo a liberdade de expressão e também a criação de hipóteses acerca das questões socioculturais.

A deficiência leitora está associada aos altos índices de repetências, devido à falta domínio da língua oral e escrita de parte considerável dos alunos. Por isso, ao ampliar a percepção social, devemos repensar a contextualização, visando a participação dos sujeitos para explorar diferentes gêneros e múltiplas mídias, assim tornando essa experiência agradável.

Ao deparar com as respostas do questionário enviado aos professores, notamos a importância da leitura para o desenvolvimento pessoal, social, cognitivo e intelectual do aluno. Apesar de tantas benesses, há inúmeros desafios, a exemplo da disponibilidade dos materiais, sendo fundamental políticas públicas que atendam às necessidades postuladas pela BNCC ao ensino de língua portuguesa.

Diante das dificuldades expostas, os docentes estudam outras medidas para atenuar as problemáticas, a exemplo do compartilhamento de materiais físicos ou por meio de *drives* além do diálogo com diversas representações literárias, no intuito de estimular e estabelecer relações comparativas.

Portanto, o presente trabalho contribui de forma significativa para o meio acadêmico, pois, ao partirmos para conhecermos a realidade da sala de aula, foi possível identificar as estratégias metodológicas utilizadas pelos professores da rede municipal de ensino em Caetité, mostrando que mesmo diante da existência de lacunas, os docentes tentam formar leitores críticos e proficientes. É necessário que haja investimentos em políticas públicas voltadas para o letramento, pois expandir essa concepção é contribuir para uma prática significativa e, conseqüentemente, para uma sociedade justa e igualitária.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Celso. **Como desenvolver as competências na sala de aula**. 4. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

ANTUNES, Irandé. **Gramática Contextualizada**: limpando o “pó das ideias simples”. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

BORTONE, Marcia Elizabeth; MARTINS, Cátia Regina Braga. **A Construção da leitura e da escrita**: do 6. ao 9. Ano do ensino fundamental. 1. ed. São Paulo: Parábola 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental**. Brasília, MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular – BNCC**. Brasília: MEC, 2017.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil**: teoria, análise, didática. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2000.

- DUTRA, Rodrigo. BNCC Língua Portuguesa: dicas para planejar suas aulas. *In: Blog Tutormundi*. Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://tutormundi.com/blog/bncc-lingua-portuguesa/>. Acesso em: 20 fev. 2021.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 51. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 51. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa - tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, v. 35, n. 3, p. 20-29, 1995.
- GONÇALVES, Elisa. Pereira. **Iniciação à pesquisa científica**. Campinas, SP: Alinea, 2001.
- GOTLIB, Nádya Battella. **Teoria do conto**. 2.ed. São Paulo, Ática 1985.
- KLEIMAN, Angela, **oficina de leitura – teoria e prática**. 15. ed. São Paulo: Pontes, 2013.
- LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 2000.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MARTINS, Angela Maria Gusmão Santos; VIEIRA, Zeneide Paiva Pereira. A leitura e ação pedagógica na sala de aula. *In: MARTINS, Angela Maria Gusmão Santos (org.). Ler e escrever na escola: reflexões e a ação docente*. Vitória da Conquista: Edições Uesb, 2012. P. 17-27.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org); DESLANDES, Suely Ferreira; NETO, Otávio Cruz; GOMES, Romeu. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- PEIXOTO, Mayara Carvalho; ARAÚJO, Denise Lino. O conceito de leitura na BNCC do ensino fundamental. **Leitura, [S. l.]**, n. 67, p. 55–68, 2020. DOI: 10.28998/2317-9945.2020v0n67p55-68. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/10954>. Acesso em: 15 nov. 2021.
- SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Elementos de pedagogia da leitura**. 3.ed. São Paulo, Martins Fontes, 1998.
- SOARES, Angélica. **Gêneros literários**. 7.ed. São Paulo: Ática, 2007.

SOUZA, Ester Maria de Figueiredo. “Aula de português como instância de produção e de circulação de conhecimentos linguísticos e não linguísticos”. In: SANTOS, Elmo; CRUZ, Giêdra Ferreira da (Org.). **Linguagem e ensino: elementos para reflexão nas aulas de língua inglesa e língua portuguesa**. Vitória da Conquista, BA: Edições UESB, 2009. p. 97-112.

YUNES, Eliana. Pelo avesso: a leitura e o leitor. **Revista Letras**, n. 44, Curitiba: Ed. da UFPR, p. 185-196, 1995. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/19078> . Acesso em: 20. ago. 2021.

YUNES, Eliana. **Tecendo um Leitor, uma rede de fios cruzados**. Curitiba: Aimirá, 2009.

YUNES, Eliana (Org.). **Leitores a caminho: formando agentes de Leitura**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2011.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Roteiro do Questionário



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
CAMPUS – VI – DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS**

CURSO: Letras – Língua Portuguesa e Literaturas

GRADUANDA: Eva Batista Lopes Soares

PROFESSORA: Rayana Thyara de Lima Rêgo Ladeia

TÍTULO DA PESQUISA: ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS PARA FORMAÇÃO DE LEITORES: A PERCEPÇÃO DE DOCENTES SOBRE A AULA DE LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO FUNDAMENTAL

OBJETIVO DA PESQUISA: Analisar as estratégias metodológicas para a formação de leitores na aula de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental.

QUESTÕES:

1. Qual a sua compreensão sobre a importância da leitura na aula de Língua Portuguesa?
2. Quais são os critérios estabelecidos pelo docente em relação à escolha do material de leitura proposto aos discentes?
3. Quais estratégias metodológicas você utiliza para formar leitores?
4. Qual a sua concepção quanto ao papel do professor na formação de leitores?
5. Quais os desafios encontrados por você para formar leitores?